 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a, Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) - Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) - Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) - Debatedor/a Desde o nascimento da nossa disciplina os interc?mbios de objetos e riquezas, mediados ou n?o pelo dinheiro, as formas de valora??o e de provimento das condi?es materiais de continuidade da vida foram objeto de descri??o e interpreta??o a partir dos modos de vida dos ?outros?. As teorias econ?micas j? tinham grande import?ncia nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas ?ltimas d?cadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A import?ncia dos especialistas, sejam acad?micos ou gestores governamentais, nunca foi t?o grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de pol?ticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a pr?pria defini??o sobre o que seja ?a economia? ou que caracterize algo ? pr?tica, teoria ? como ?econ?mico?. A Antropologia da Economia vem ganhando novo f?lego, com a organiza??o de diversos eventos e publica?es acad?micos voltados a essa ?rea de estudos. O objetivo do GT ? propiciar um espa?o dedicado a colocar em di?logo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observa??o que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em quest?o as fronteiras e limites do econ?mico, como a rela??o com as pr?ticas familiares, a intimidade, a religi?o, o consumo, a d?diva, a pol?tica, as moralidades e assim por diante.

Ter pessoas na venda: olhares etnográficos a partir do Haiti e da República Democrática do Congo

Autoria: Rosa Cavalcanti Ribas Vieira, Felipe Evangelista

O presente work propõe um contraste entre duas etnografias realizadas com mulheres comerciantes no Haiti e na República Democrática do Congo para discutir a noção de ?pessoa minha? (moun pa-m ou moun mwen em créole; mutú nangai em lingala). O nosso objetivo é fazer um levantamento dos contextos em que estas expressões foram mobilizadas para realizar um exercício de aproximação e diferenciação, através do qual se observará: quais relações são definidas por estas categorias, os significados de se ter pessoas, quais os usos e extensões destas categorias no comércio, quais as implicações de se ter pessoas, quais são os vínculos, obrigações e expectativas entre pessoas que são umas das outras, o que circula (dinheiro, objetos, produtos, parentes) nessas relações. Os works de campo feitos na comuna de Belladere (Haiti central) e na cidade de Matadi (província do Congo Central), centraram-se no acompanhamento e participação cotidiana no universo da venda de produtos diversos da qual dependem muitas casas haitianas e congolesas. As notas etnográficas resultantes destas pesquisas indicam que estas categorias são mobilizadas entre as comerciantes para fazer referência às relações com pessoas que não são consideradas necessariamente parentes, mas que são vistas como relações de confiança, de amizade e, muitas vezes, de parceria e cooperação na venda. Todavia, sugerimos que estas relações devem ser compreendidas tendo em vista a associação das categorias moun pa-m e mutu nangai a outras noções que remetem ao compartilhar, comer e viver junto, como, por exemplo, a expressão fanda em lingala. Neste sentido, a presente discussão permitirá transitar entre a antropologia econômica e a antropologia da casa e do relatedness, sugerindo uma perspectiva crítica dos debates sobre economia informal e ?économie de la débrouille?. Paralelamente, colocar as já citadas pesquisas etnográficas em diálogo possibilitou duas reflexões que percorrem este work. De um lado, viabiliza problematizar o olhar

 ISBN: 978-85-87942-61-6

etnográfico, fazendo-nos pensar por quais motivos ambas etnografias se depararam com categorias que remetem a uma mesma tradução (pessoa minha) e nos indagarmos se isso não seria resultado de observações "direcionadas", estruturadas por uma mesma literatura antropológica. De outro lado, também permite discutir sobre etnografia e envolvimento. As análises do cotidiano das comerciantes se desenvolveu à medida que fomos incluídos no universo de relações de proximidade de nossos interlocutores. Passamos a ser vistos enquanto parte da família e da casa ou também como possíveis parceiros nos negócios, sendo classificados, por vezes, como "pessoa deles", "branco/a deles", "do mesmo sangue", "mesma pessoa", o que nos colocou numa série infinita de trocas.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**